

Bruna Caixeta Alves

Tornar-se herdeiro: um panorama sobre herança e transmissão psíquica geracional

Uberlândia

2019

Bruna Caixeta Alves

Tornar-se herdeiro: um panorama sobre herança e transmissão psíquica geracional

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lucianne Sant'Anna de Menezes

Uberlândia

2019

Bruna Caixeta Alves

Tornar-se herdeiro: um panorama sobre herança e transmissão psíquica geracional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucianne Sant'Anna de Menezes

Banca Examinadora

Uberlândia, 04 de julho de 2019

Prof^a. Dr^a. Lucianne Sant'Anna de Menezes

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG

Ms. Juliane de Oliveira Silva

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG

AGRADECIMENTOS

Uma vez ouvi que, no caminho, o que mais importa é o durante: este trabalho representa um pouco da trajetória trilhada ao longo dos últimos cinco anos e, durante esse tempo aprendi, mais do que nunca, que uma caminhada é sempre compartilhada.

Por isso, toda a minha gratidão a todos que de alguma maneira, passaram por este caminho e estiveram comigo. Agradeço à minha turma, pela companhia nesta jornada; aos professores, pela disposição em contribuir com nossa formação; aos colegas de estágio que proporcionaram uma troca única de sentidos e vivências que nos acompanharão sempre, daqui em diante.

Agradeço aos meus pais, Marísley e Reginaldo, por terem me dado um lugar na história de nossa família, tão especial. Por cuidarem de mim; por me incentivarem sempre a crescer; por serem minhas mais importantes referências de dedicação em tudo o que fazem. Gratidão à minha irmã, Dara (*in memoriam*), por ter me ensinado com sua existência que o amor é a linguagem que sempre falará mais alto que qualquer palavra que possa ser dita. As marcas dessa linguagem ecoarão continuamente em meu coração.

Agradeço a todos os amigos que caminharam lado a lado comigo, sendo força e suporte nos momentos em que precisei. Por fazerem dessa jornada mais viva, mais bonita, mais alegre, mais amorosa, mais cheia de sentido. Em especial, agradeço à minha amiga Érica, por ter se tornado um presente durante este todo este tempo – pela cumplicidade, pela parceria, pelo cuidado e carinho. Por termos compartilhado da psicologia e, principalmente, da vida.

Agradeço ao meu supervisor, João Luiz, pela oportunidade de construir múltiplos sentidos numa prática clínica. Pela acolhida, por me dar a possibilidade de compartilhar um trabalho compromissado e poder ser atravessada por esse lugar através da sua escuta, do seu

cuidado, de todas as movimentações internas advindas das perguntas que me fez. Compreendi que elas são muito mais importantes que as respostas. Pude me ver implicada num trabalho possível com crianças e famílias de uma maneira tão singular, tão cuidadosa – as marcas deste encontro continuarão ressoando sempre em meu caminho daqui em diante.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Lucianne, que tornou possível a produção desse trabalho a partir do momento em que me acolheu e que topou trilhar esse caminho ao meu lado, na busca por produzir sentidos a partir de questões que movimentaram a nós duas, nos fazendo debruçar sobre o tema de pesquisa. Agradeço pela sempre disposição em fazer com que este trabalho tivesse excelência, pelo cuidado e paciência que teve comigo durante este tempo, marcando meu encerramento nesta jornada de graduação de maneira muito especial.

Contranarciso

em mim

eu vejo o outro

e outro

e outro

enfim dezenas

trens passando

vagões cheios de gente

centenas

o outro

que há em mim

é você

você

e você

assim como

eu estou em você

eu estou nele

em nós

e só quando

estamos em nós

estamos em paz

mesmo que estejamos a sós

(Paulo Leminski)

RESUMO

Alves, B. C. (2019). *Tornar-se herdeiro: um panorama sobre herança e transmissão psíquica geracional*. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Este trabalho tem como objetivo geral realizar uma revisão teórica sobre o tema da transmissão e da herança psíquica entre as gerações, nas modalidades intergeracional e transgeracional; e, em consequência disso, o objetivo específico é buscar identificar conteúdos convergentes na literatura científica pesquisada, que possibilite a organização e análise dos dados em torno da questão da transmissão psíquica e do traumatismo no pensamento freudiano. Trata-se de uma pesquisa psicanalítica, em que o material selecionado para estudo foi submetido à análise de conteúdo, por meio de trabalho comparativo entre textos de Freud e colocados em interlocução com comentadores da obra freudiana que tratam da temática da transmissão psíquica e do traumatismo, obtidos a partir de uma revisão narrativa bibliográfica. Os resultados mostraram que o fenômeno ocorre por meio de processos psíquicos inconscientes e a apropriação da herança recebida pela transmissão dá entorno para pensar a maneira como o psiquismo se organiza, como cada sujeito coloca-se em sua própria história. É notável como a modalidade negativa da transmissão é privilegiada, estando intimamente ligada com a questão do traumatismo na metapsicologia freudiana. Já a modalidade intergeracional da transmissão aponta para a possibilidade de construir novos sentidos a partir do conteúdo recebido, compondo uma maneira singular de existência.

Palavras-chave: Psicanálise, herança, transmissão.

ABSTRACT

Alves, B. C. (2019). *Becoming an heir: a picture of inheritance and generational psychic transmission*. 47p. Work of Conclusion of Course. Institute of Psychology, Federal University of Uberlândia, Uberlândia, MG, Brazil.

This work has as general objective to carry out a theoretical revision on the subject of the transmission and the psychic inheritance between the generations, in the intergenerational and transgenerational modalities; and, as a consequence, the specific objective is to identify convergent contents in the researched scientific literature, which enables the organization and analysis of the data on the issue of psychic transmission and trauma in Freudian thought. It is a psychoanalytic research, in which the material selected for study was submitted to content analysis, through a comparative work between Freud's texts and placed in dialogue with commentators of the Freudian work that deal with the theme of psychic transmission and traumatism, obtained from a bibliographical narrative review. The results showed that the phenomenon occurs through unconscious psychic processes and the appropriation of the inheritance received by the transmission gives an environment to think about the way the psychism is organized, as each subject puts himself in his own history. It is remarkable how the negative mode of transmission is privileged, being intimacy linked with the issue of traumatism in Freudian metapsychology. The intergenerational mode of transmission points to the possibility of constructing new meanings from the content received, composing a unique way of existence.

Keywords: Psychoanalysis, inheritance, transmission.

Sumário

Introdução.....	10
1. Herança e transmissão na psicanálise.....	12
1.1 Aspectos da concepção freudiana do psiquismo	18
1.2 Algumas considerações freudianas sobre os afetos e o trauma.....	20
2. Resultados: eixos de análise.....	23
2.1 Implicações na transmissão da psicanálise.....	23
2.2 Articulações entre as modalidades de transmissão psíquica.....	27
2.3 Transgeracionalidade, violência e trauma.....	30
2.4 Intergeracionalidade, repetição e criação.....	34
Conclusão.....	39
Referências.....	40

Introdução

Poder compor este trabalho simboliza para mim uma trajetória muito significativa trilhada durante os últimos cinco anos, na graduação em Psicologia. Desde o início, pensar sobre os modos de subjetivação, de constituição de um ser em sociedade me colocou diante da Psicanálise, como um saber que coloca em questão aquilo sobre o qual não sabemos que sabemos e habita em nós: o inconsciente.

Venho sendo atravessada pela psicanálise desde então, inventando também uma maneira singular de ser e, aqui, um modo também de escrever. Entendi que a escrita é sempre uma invenção a partir daquilo que nos toca, que faz ressoar e que produz sentidos diversos. A partir da invenção da própria psicanálise por Freud, sigo amparada nesta produção por tantos outros que também foram tocados pelo seu legado.

Os primeiros atravessamentos para pensar a constituição do psiquismo vieram nas discussões propostas pelas disciplinas de Personalidade: um bebê vem ao mundo e torna-se alguém, sujeito com um corpo, nome e história a partir do que recebe de outras pessoas que o cercam – e a família aparece como um espaço privilegiado para que a constituição ocorra.

Depois, em Dinâmica da Família, me deparei pela primeira vez com o conceito de herança psíquica, por meio do texto de Gomes e Zanetti (2009), que traz a ideia de um “encadeamento de gerações” (p. 96) e considerando as implicações disso na construção de uma prática clínica. As autoras associam o conceito de transmissão ao conceito de vínculo, compreendendo que a partir das relações estabelecidas, o inconsciente se manifesta e se traduz na constituição psíquica de cada sujeito. As discussões feitas em sala de aula salientaram, mais uma vez, a família como um espaço de movimentações afetivas e de representações que marcam sua história ao longo das gerações.

A partir de então, várias questões levantaram-se para mim: *como acontece o processo de transmissão psíquica? Quais são seus possíveis desdobramentos na constituição*

subjetiva? E, ainda, de que forma é possível apropriar-se da herança a fim de que os sujeitos possam inventar um modo singular de ser no mundo?

Na busca por compreender essas movimentações, desenvolvi este Trabalho de Conclusão de Curso, em que o objetivo geral foi realizar uma revisão teórica sobre o tema da transmissão e da herança psíquica entre as gerações, nas modalidades intergeracional e transgeracional; e, em consequência disso, o objetivo específico foi buscar identificar conteúdos convergentes na literatura científica pesquisada, que possibilite a organização e análise dos dados em torno da questão da transmissão psíquica e do traumatismo no pensamento freudiano.

Trata-se de uma pesquisa psicanalítica (Freud, 1923[1922]; Laplanche, 1992), em que o material selecionado para estudo foi submetido à análise de conteúdo, orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto escrito (Iribarry, 2003), por meio de trabalho comparativo entre textos de Freud relativos ao objeto recortado para investigação, em momentos diferentes de seu percurso teórico-metodológico. Este repertório conceitual foi colocado em interlocução com comentadores da obra freudiana que tratam da temática da transmissão psíquica e do traumatismo, obtidos a partir de uma revisão narrativa bibliográfica (Vosgerau & Romanowski, 2014), nos últimos 10 anos (de 2008 a 2018), nas bases de dados Scielo, Pepsci, BVS, por meio de várias combinações com os seguintes descritores: trauma; herança psíquica; transmissão psíquica; psicanálise e herança geracional. Foram encontrados 40 artigos, dos quais 12 foram separados tendo em vista que atenderam às demandas de investigação específicas para os objetivos do presente estudo, a saber: o traumatismo e a transmissão psíquica na metapsicologia freudiana. Também foram utilizados alguns livros importantes sobre o tema, de modo que em seu conjunto, o material foi remetido aos objetivos da pesquisa. Foi possível criar quatro eixos de análise: 1) *Implicações na*

transmissão da psicanálise; 2) Articulações entre as modalidades de transmissão psíquica; 3) Transgeracionalidade, violência e trauma; 4) Intergeracionalidade, repetição e criação.

1. Herança e transmissão na psicanálise

Na etimologia da palavra transmitir, do latim *transmittere*, a palavra transmissão possui como significado “mandar de um lugar para o outro, de uma pessoa para outra”, “deixar passar além”, “comunicar por contágio”, “propagar” (Ferreira, 1986).

Correa (2003) traz a palavra alemã *ubertragung*, que aparece nos textos freudianos, apontando-a para a transmissão, ou transmissibilidade, indicando também o significado de tradução e o sentido de transferência. Este aspecto é importante porque, na psicanálise, o trabalho de “retradução” (p. 36) de conteúdos transmitidos em uma cadeia geracional é que configura a constituição psíquica do sujeito.

Fenômeno que ocorre por meio de processos psíquicos inconscientes, a transmissão psíquica acontece por mecanismos de identificação e por investimento libidinal de representações que caracterizam uma forma de organização do psiquismo do sujeito. Posteriormente, o mecanismo de identificação será abordado conceitualmente de acordo com um recorte da obra freudiana.

Freud faz uma diferenciação a respeito das condições que sustentam a formação do psiquismo, fazendo referência à herança ontogenética e filogenética. A primeira, relativa à ontogênese, trata-se da pré-história de cada indivíduo, isto é, suas primeiras experiências na infância. Sua consideração é fundamental, pois acontecem num momento constitutivo das instâncias psíquicas e essas experiências vão dando forma aos representantes pulsionais (Freud, 1917).

Já a noção filogenética coloca que o indivíduo, em certa maneira, retoma todo o desenvolvimento da espécie humana – isso quer dizer que seu psiquismo sintetiza

predisposições herdadas para o desenvolvimento do ego e da libido. Assim, a condição para tal é evocativa, pois segue um curso que opera na constituição do psiquismo dos sujeitos ao longo da história (Freud, 1917).

As duas noções, ontogenética e filogenética estão relacionadas entre si e dizem respeito à transmissão da herança, como mostra Freud (1917/1980, p.81) no seguinte trecho: “As disposições da constituição também são indubitavelmente efeitos secundários de experiências vividas pelos ancestrais no passado; também elas, em alguma ocasião, foram adquiridas. Sem essa aquisição, não haveria hereditariedade”.

Essa concepção é importante porque, nesse seguimento, as experiências que correspondem à ontogenética só são possíveis através de um aporte pela transmissão filogenética, que funda uma estrutura subjetiva transcendente ao sujeito (Freud, 1917).

Em *História de uma neurose infantil* (1918), quando Freud trabalha o caso clínico do “Homem dos lobos”, fala de impressões muito intensas, marcas perceptivas da cena primária (o coito dos pais) que estaria na etiologia de sua neurose e que tais marcas poderiam apenas serem construídas *a posteriori*. Trata-se aqui de outro elemento importante sobre o tema da transmissão psíquica e do trauma na obra freudiana: *as protofantasias* (fantasia da cena primária, fantasia de sedução e fantasia da castração) que são fantasias originárias, que organizam a vida fantasmática sejam quais forem as experiências pessoais dos indivíduos; são universais e constituem um patrimônio transmitido filogeneticamente.

A fantasia só se estabelece porque as sensações corporais dão base para sua formação, de origem inconsciente. Em um primeiro momento, Freud atribui sua causalidade a acontecimentos concretos na história de vida do indivíduo; depois, apoia-se na realidade psíquica enquanto sustentação da fantasia. Nesse sentido, as três fantasias primitivas tentam dar uma resposta aos enigmas da construção da subjetividade do sujeito. A primeira fantasia, da cena primitiva, corresponde à observação do coito dos pais: nela configura-se a origem do

indivíduo; na fantasia da sedução por um adulto, configura-se a origem da sexualidade; e com a fantasia da castração, a origem da diferença entre os sexos.

Freud se interessava na possibilidade de transmissão de conteúdos pela via psíquica, apresentado em seu artigo *Hereditariedade e a etiologia das neuroses* (1896). Nesse texto, opõe-se à explicação estritamente hereditária proposta por Charcot para a causa das neuroses. Coloca que há, sim, uma relevância na predisposição para emergência de algum aspecto patogênico no psiquismo, mas passa a ressaltar as primeiras experiências sexuais infantis como fatores desencadeantes do trauma, que suscitaria os sintomas histéricos em questão.

No texto elaborado na *Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas* (1917), Freud coloca quatro aspectos, somados casualmente, nesta dinâmica etiológica: a constituição sexual; a experiência infantil; a fixação da libido e a experiência casual. O aspecto da constituição sexual diz respeito àquilo que foi herdado e as experiências infantis “tornam manifestas as tendências instituais¹ que a criança herdou com sua disposição inata” (1996, p. 363). Aparece aqui a articulação entre a ontogenética e a filogenética na constituição do psiquismo do sujeito.

No texto *As pulsões e seus destinos* (1915), Freud traz que uma ambivalência pulsional pode ser considerada como herança arcaica e, assim, a moral e a cultura servem como organizadoras dessa montagem pulsional que, de diferentes modos, busca a satisfação. O seio familiar é um espaço privilegiado para a articulação dessa montagem; entrelaçando a fundação do sujeito em sua história afetiva, pois “o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro do idioplasma quase imortal, que é confiado a ele pelo processo de geração” (1915/1974, p. 145).

¹Leia-se ‘pulsionais’. Na edição citada em questão, o termo original *trieb* foi traduzido do inglês *instinct* para o português como ‘instinto’. Porém, opta-se no presente trabalho por uma tradução do termo *trieb* como ‘pulsão’ (derivada do francês *pulsion*) que melhor se aproxima das proposições que perpassam toda a teoria freudiana acerca dessa questão (Estevão, 2012).

A herança psíquica na constituição da cultura é o que dá base para pensar como os sujeitos se arranjam para sustentar a vida em grupo. No texto *Totem e Tabu* (1913), Freud sustenta a ideia de que há uma marca mnêmica transmitida a partir do tabu, do crime do parricídio e do incesto, e que esse aspecto é organizador da vida psíquica em comunidade. Trabalha, neste mito, a origem da Lei, tratando da realidade psíquica que está por trás do sentimento de culpa no modo de funcionamento neurótico, citando a circunstância da eliminação do pai primevo:

Um acontecimento como a eliminação do pai primevo pelo grupo de filhos deve inevitavelmente ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade e, quanto menos ele próprio tenha sido lembrado, mais numerosos devem ter sido os substitutos a que deu origem (Freud, 1913/2013, p. 157).

Foi a partir deste suposto sentimento de ambivalência dos filhos em relação ao pai tirânico, narrados no mito, que Freud discorre teoricamente sobre a transmissão de estados mentais, de maneira inconsciente. A culpa funciona como interdito, depois de estabelecida a Lei da interdição do incesto; e os sintomas, as defesas e a organização das relações objetais também passam pelo processo da transmissão (Azevedo et al, 2016).

Freud esclarece a questão da transmissão em *Totem e Tabu* (1913) ao falar da ideia de “herança de disposições psíquicas” (Inglez-Mazzarella, 2006, p. 41), o que forma um elo entre as gerações:

Se assim for, portanto, podemos presumir, com segurança, que nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise nos mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um *apparatus* que os capacita a interpretar as reações das outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos. Uma tal compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e dogmas que

restaram da relação original com o pai pode ter possibilitado às gerações posteriores receberem sua herança de emoção (Freud, 1913/2013, p. 160).

Podemos pensar que a “herança de emoção” a que Freud (1913) se refere diz respeito a uma herança afetiva, que no quadro da teoria dos afetos, seria “alguma coisa relativa a uma *bagagem* que trazemos, talvez da filogênese, para que o afeto tenha uma ‘certa carga’” transmitida como uma estrutura afetiva que está no inconsciente, “quietinha” e, ao ser catexizada por uma carga afetiva, transforma-se num estado afetivo. Esse modo de pensar pode explicar, por exemplo, o ‘sentimento de culpa inconsciente’, segundo Menezes (2006, p.56), fundamentada na proposta de Barros (1975) e Loffredo (1975) em que, do mesmo jeito que existe uma estrutura representacional (ou ideativa, memória), que “pode ser investida (catexizada), caracterizando uma representação (ou ideia), o mesmo pode valer para o afeto” e, nesse sentido, baseado em Freud, “temos uma *formatação de afeto: uma estrutura afetiva*”. Retomaremos este aspecto no tópico sobre o trauma.

O tema da herança de disposições psíquicas é retomado no texto *O mal-estar na civilização* (1930), no qual a herança da culpa, decorrente dos dois grandes crimes – o parricídio e o incesto no mito da horda primitiva – é transmitida sob o aspecto de tradições e leis que organizam as sociedades, dando tom à cultura, às artes, à religião.

É importante considerar que Freud estabeleceu uma distinção entre aquilo que é transmitido por identificação aos modelos parentais, tratando-se da história pessoal de cada um, isto é, os aspectos relacionados à ontogênese e aquilo que se constitui a partir de traços mnêmicos herdados de gerações anteriores (o que corresponde aos escritos de *Totem e tabu*, 1913). A suposição filogenética diz de uma pré-estrutura constitutiva do sujeito, correspondendo, neste caso, ao mito da origem da humanidade (Azevedo et al, 2016).

No texto *Psicologia de grupo e análise do ego*² (1921), Freud postula que a transmissão se dá essencialmente pela via das identificações. Este processo de identificação na constituição do *eu* pode trazer uma marca que diz respeito a uma relação com um outro sujeito: há um modelo norteador dos vínculos que vão se estabelecendo durante a vida: seja o parental, o amoroso e até os familiares, grupais, institucionais ou sociais. O *eu* se apropria daquilo que vem do outro, por meio da introjeção de algo que foi vinculado libidinalmente.

A identificação, segundo Freud (1921), é um processo considerado como a mais remota expressão de um laço emocional com um objeto, tendo por caráter sua ambivalência, desde o início – e esta seria uma maneira de expressão da identificação. Ainda nesse texto, coloca outras duas formas de identificação: a identificação que compõe a conflitiva edípica, e a identificação a partir de uma percepção de aspectos comuns compartilhados com algum indivíduo, e assim essa identificação aponta para a construção de um laço. Sendo assim, é pela intensidade da identificação que cada sujeito irá se moldando de acordo com aspectos de um outro ser. Este processo, na dinâmica geracional, sustenta valores, crenças e saberes que permitem a continuidade grupal e cultural – isto é, o laço social (Correa, 2003).

As funções parentais daqueles que cuidam de uma criança e a inserem na dinâmica social é a de transmitir a Lei, que ampara a cultura – esta transmissão é fundante para a constituição subjetiva, pois estabelece espaços simbólicos nos quais o sujeito tem a possibilidade de inscrever-se. Por isso, é dito que “sem que haja transmissão geracional não é possível haver transmissão da cultura” (Amaro, 2015, p. 63).

Sendo assim, em suas considerações, Freud circunscreveu que a constituição do psiquismo do sujeito é marcada pelo atravessamento de outros, um processo que acontece

² Serão utilizadas no decorrer deste trabalho obras de Freud em que as traduções diretas dos termos “Es”, “Ich” e “Über-Ich” do alemão para o português correspondem aos termos ‘id’, ‘eu’ e ‘supereu’, ao se tratar das instâncias psíquicas postuladas por Freud, assim como algumas traduções das obras completas do inglês para o português, em que aparecerão os termos ‘id’, ‘ego’ e ‘superego’. Desse modo, no presente estudo, serão utilizadas ambas as traduções de maneira aleatória.

sempre a partir de um “entrelaçamento de gerações” (Vasconcelos & Lima, 2015, p. 86). A inscrição do sujeito a uma cadeia geracional aponta para uma intersubjetividade constitutiva, isto é, um sujeito que é herdeiro de transmissões psíquicas em sua história, que fundam o psiquismo pela via do inconsciente.

1.1 Aspectos da concepção freudiana do psiquismo

No *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]) com relação ao funcionamento da vida mental, o autor aponta dois aspectos que são passíveis de conhecimento: o cérebro, como órgão corporal, e os atos de consciência e na dinâmica entre eles, ocorre o que denomina como um elemento desconhecido até então, que seria o funcionamento da vida psíquica perpassada, fundamentalmente, pela dimensão do inconsciente. Assim, na tentativa de explicar este funcionamento, propõe uma formulação sobre o aparelho psíquico, que posteriormente ficou conhecida como ‘segunda tópica’, contendo três instâncias: *id*, *eu* e *supereu*.

O *id* constitui o fundamento do ser, como coloca Freud. É a mais primitiva das ações psíquicas na vida de um indivíduo. O *id* contém conteúdos inatos, herdados filogeneticamente e também os que vão sendo adquiridos ao longo das experiências de vida. Possuindo uma maneira própria de funcionamento e percepção, na sua dinâmica operam *instintos* orgânicos que puderam dar forma às primeiras expressões psíquicas, que buscam exclusivamente a satisfação.

Sob a influência do mundo externo, uma parte do *id* sofreu um desenvolvimento especial, dando origem a uma região intermediária entre o *id* e o mundo externo, denominada por Freud de *eu*. Tal instância se coloca entre as exigências do mundo externo e as exigências de satisfação do *id*. Tem função de autopreservação; funciona sob o princípio de realidade e sua função é a de ponderar as condições de satisfação, no sentido de se proteger de um

aumento tensional que produz desprazer, ou seja, “o ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer. Um aumento de desprazer esperado e previsto é enfrentado por um sinal de angústia” e a ocasião de tal aumento, seja ameaça oriunda de dentro ou de fora é conhecida como perigo (Freud, 1940[1938]/1996, p. 93).

A formação do *eu* para Freud, em especial, no texto *Narcisismo, uma introdução* (1914) está relacionada à ideia de herança psíquica, na medida em que se baseia na suposição de que todo o indivíduo se insere em uma história precedente, herdando-a: a constituição da identidade vai se dando a partir do legado familiar que recebe.

Freud (1914) aponta que os significantes anteriores à criança a tornam herdeira de sonhos não realizados pelos pais, destacando que a atitude destes para com os filhos é como uma reprodução de seu próprio narcisismo, algo remontado da ordem do infantil. Os pais, que são os primeiros objetos do bebê, são os que lhe estão disponíveis para as suas necessidades como alimentação, atenção, proteção, dependendo o bebê destes objetos para sua estruturação.

A condição de desamparo e a vivência de satisfação advinda das primeiras experiências infantis são fundantes na constituição do psiquismo e no paradigma das situações traumáticas. O corpo do bebê está enredado neste cenário de dependência, o que aponta, no desenvolvimento do sujeito, a necessidade de ser amado por outro, estando sempre em relação com a perda, a falta, a separação. No âmago dessas experiências é que Freud (1915) situa a inscrição dos representantes da pulsão na constituição do psiquismo.

O longo período da infância em que a criança vive na dependência dos pais “deixa atrás de si, como um precipitado, a formação, no ego, de um agente especial no qual se prolonga a influência parental” e Freud (1940[1938]/1996, p.93) deu a ele o nome de *supereu*. Esta influência parental inclui a personalidade dos próprios pais, assim como da família e das tradições por elas transmitidas, bem como as exigências do meio social que representam e desse modo, o *supereu*, “ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, recebe contribuições

de sucessores e substitutos posteriores aos pais, tais como professores e modelos, na vida pública, de ideais sociais admirados” (p.93). E, na medida em que o *supereu* se diferencia do eu ou se opõe a ele “constitui uma terceira força que o ego tem de levar em conta”. Desse modo, o *eu* deve conciliar simultaneamente as exigências do *isso*, do *supereu* e da realidade (mundo externo).

Freud (1940[1938]/1996, p.93) observa que mesmo com as diferenças fundamentais entre o *isso* e o *supereu*, eles têm algo comum:

Ambos representam as influências do passado — o id, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto o ego é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos.

1.2 Algumas considerações freudianas sobre os afetos e o trauma

A teoria dos afetos no pensamento freudiano está articulada com a memória e a determinação da forma pela qual se expressa a angústia e, ao que tudo indica, Freud inspirou-se em Darwin (Menezes, 2006). Como dissemos, parece que ele considerava o afeto alguma coisa relativa a uma *bagagem* que trazemos, talvez da filogênese, para que o afeto tenha uma “certa carga”.

Segundo Loffredo (1975, p.44), Freud colocou a angústia como correspondente a “um estado afetivo de acordo com uma imagem mnêmica já existente”, sendo que o estado afetivo de angústia, “como os estados afetivos em geral, acham-se presentes como resíduos de experiências traumáticas primitivas e são revividos quando experiências semelhantes a essas ocorrem posteriormente”, havendo, portanto, uma memória afetiva. Isso quer dizer que, no processo de recalque, o representante da pulsão é separado da sua carga afetiva (representante

afetivo ou *quantum* de afeto) – a representação segue inconsciente, enquanto que o *quantum* de afeto pode vir a ser transformado em angústia.

Tanto a carga de afeto quanto a representação ligada a ela estão relacionadas ao registro que a percepção deixa no aparelho psíquico. As primeiras experiências de prazer e desprazer vivenciadas na infância inscrevem estas marcas fundamentais. Aqui, Freud aponta para o que chama de traços mnêmicos, que podem ser esquecidos (recalcados), mas não apagados; e que vão sendo traduzidos continuamente pelo psiquismo em sua inscrição. Assim, não se trata especificamente de uma transposição literal dos acontecimentos: Freud reposiciona o lugar da experiência na constituição do trauma, considerando a maneira pela qual a realidade subjetiva se constitui (Zavaroni, Viana & Celes, 2007).

Na carta 52 (1950[1998]) que Freud escreve a Fliess em 1896, apresenta a hipótese de que os traços mnêmicos sejam reorganizados ao longo do desenvolvimento do indivíduo, de tal maneira que haveria vários níveis de registros nos quais os mesmos traços mnêmicos estariam ordenados em princípios associativos diferentes. Nesse sentido, existiria a possibilidade de que alguns traços mnésicos não passem pelo processo de transcrição pelo desprazer que possam gerar e, assim, ficariam retidos à consciência, sem poderem ser simbolizados (Peres, Caropreso & Simanke, 2015).

Freud utiliza a noção da definição de trauma, já utilizada pela medicina, para formular sobre acontecimentos que causam um “choque violento” na dinâmica pulsional, que são resultados de uma entrada de elementos externos no psiquismo. O aumento de excitação é maior do que a tolerância do aparelho psíquico, e a excitação não consegue ser descarregada (Laplanche & Pontalis, 2001).

Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud compreende o traumatismo como aquilo produzido a partir de um fracasso das barreiras que fazem proteção do psiquismo, exposto a excitações em excesso, sendo o excesso advindo tanto de ordem exterior quanto

interior. Ilustrando essa ideia, Laplanche e Pontalis (2001) figuram o organismo como uma “vesícula viva” que possui uma proteção com intuito de manejar as excitações. Quando acontece uma efração, a consequência do excesso faz instalar um corpo estranho na dinâmica econômica do psiquismo.

O acontecimento como excesso, em si mesmo, pode produzir uma completa ab-reação e instaurar o traumático no psiquismo. Contudo, em outras situações, aquilo que se torna traumático na história do sujeito irá se inscrever a partir da suscetibilidade, isto é, de que maneira as circunstâncias psicológicas e sociais estão no momento do acontecimento e, sobretudo, como o conflito psíquico impede que a experiência seja integrada.

Nas *Conferências introdutórias sobre a psicanálise* (1916), Freud passa a considerar a história de vida do sujeito como constitucional para o sentido do trauma, trazendo-o como fator indispensável na explicação etiológica das neuroses. O trauma psíquico é, então, uma resposta a uma vivência complexa que não conseguiu ser integrada; houve uma falha na barreira de proteção do *eu* frente ao excesso pulsional. Isso aponta para algo que permanece, mas que não pode ser inscrito e representado no psiquismo. Em outras palavras, “o traumático constitui-se assim pela impossibilidade de inscrição do horror experimentado na realidade que, por meio da repetição, segue se apresentando sem poder ser minimamente representado” (Inglez-Mazzarella, 2006, p. 55).

A partir da repetição intensa e frequente ao longo da história, através das gerações, as experiências passam a ocupar o campo do *isso*, sendo que essas impressões são preservadas pela herança. “Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez, estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as” (Freud, 1923/1976, p.53).

Precedendo a teorização das fantasias, Freud colocava que o trauma é instaurado a partir de dois acontecimentos: primeiro, a cena de sedução do adulto para com a criança. Depois, uma segunda cena, após a puberdade, evocada por traços associativos. Nesse sentido, a lembrança da primeira cena desencadearia um excesso de excitação maior do que o psiquismo conseguiria tolerar. Posteriormente, Freud passa a supor que, agora, no lugar de cenas originárias, havia as fantasias originárias, que dão escopo para todas as fantasias individuais – citadas no tópico sobre herança e transmissão.

2. Resultados: Eixos de análise

Como dissemos no início deste trabalho, a partir do material selecionado para a pesquisa, foi possível traçar quatro eixos de análise: *Implicações na transmissão da psicanálise; Articulações entre as modalidades de transmissão psíquica; Transgeracionalidade, violência e trauma; Intergeracionalidade, repetição e criação.*

2.1 Implicações na transmissão da psicanálise

Selecionamos dois artigos para compor este eixo: *Freud e o judaísmo: luto, trauma e transmissão* (Indursky & Kveller, 2017); *Herança na e da psicanálise* (Inglez-Mazzarella, 2015). A proposta desta composição de análise é pensar os atravessamentos da psicanálise na história de seu fundador, o próprio Freud; e de que modo a apropriação da transmissão foi fundante na formação dos analistas que sucederam o seu surgimento.

O texto de Indursky e Kveller (2017) traz uma exposição sobre a importância da genealogia familiar e da cultura judaica na história de Sigmund Freud – isto é, a maneira pela qual ele pôde ser herdeiro de uma herança e como isto marca seu percurso de invenção da psicanálise. Alguns escritos de Freud possuem uma estreita relação com sua experiência pessoal de luto, trauma e perda, que marcaram suas conceituações ao longo da teoria.

O primeiro aspecto levantado pelo artigo tece uma relação entre a formulação de *Luto e melancolia* (1915) e o impasse acerca das próprias experiências de perda de Freud, bem como suas observações clínicas. Neste texto, segundo os autores, o fundador da psicanálise conceitua que, diante de uma perda, o *eu* pode eleger objetos substitutos que sejam consonantes com a elaboração do sofrimento, ou seja, por meio de um trabalho psíquico, individual e simbólico, o *eu* se torna livre e desinibido, de modo que o eu consiga libertar sua libido do objeto perdido. Caso isso não ocorra, pode se instaurar o que ele chama de melancolia: o investimento no objeto pode sofrer uma regressão ao narcisismo, de modo que a reação à perda do objeto de amor é marcada pela regressão a partir da escolha de objeto narcísica: a libido não é deslocada para outro objeto, mas é retirada para o eu; desse modo, a libido narcísica liga-se ao objeto, é como se uma parte de si mesmo fosse perdida; o eu incorpora o objeto perdido. Na melancolia há a substituição de uma catexia objetual por uma identificação com o objeto perdido.

A experiência de luto, entretanto, que Freud experimentou após a perda de sua filha Sophie e de seu neto Heinz, entre 1920 e 1923, demonstra um impasse a respeito dessa elaboração, como ele próprio a diz em uma carta endereçada a Binswanger: “É sabido que o luto agudo causado por uma tal perda encontrará um fim, mas permaneceremos inconsoláveis, sem jamais encontrar um substituto” (Freud, 1929, p. 431, citado por Indursky & Kveller, 2017, p. 406).

O que os autores sustentam é que no caso da perda de um filho, por exemplo, há sempre ligações narcísicas entre os sujeitos; há algo de insubstituível colocado nesta relação. O objetivo do trabalho de luto seria deixar o eu totalmente livre para começar novos investimentos objetais, como colocou Freud, mas esta formulação não leva em consideração as proposições acerca das identificações e do processo de transmissão. Nesse seguimento, a noção de um objeto substituto é insuficiente para a compreensão do fenômeno da perda e do

luto, considerando que há sempre um fator traumático nesta composição; e que a dimensão de tornar-se herdeiro a partir da transmissão não cessa de atualizar-se diante da finitude da vida no sujeito. O trecho a seguir demonstra a importância da formulação sobre o que se instaura como traumático no psiquismo, que aponta para aquilo que se transmite como negativo pela herança:

é possível trauma e luto virem em par; ou ainda, um seguir o outro. O traço de uma perda traumática só poderia ser simbolizado a partir de uma operação de luto, cujo destino não passaria necessariamente por um substituto. Não há objeto a tapar o furo deixado: como sugere Lacan, a perda convoca toda trama simbólica, real e imaginária para reposicionar o sujeito (Indursky & Kveller, 2017, p. 407).

O segundo aspecto levantado no artigo é a ambivalência de sentimentos que Freud nutria em relação ao pai, figura que representava um misto de conteúdos relacionados à cultura judaica. Ele próprio pontua essa operação subjetiva em *A interpretação dos sonhos* (1900): “parte de minha própria autoanálise, minha reação à morte de meu pai – isto é, ao evento mais importante, à perda mais pungente da vida de um homem” (p. 32, citado por Indursky & Kveller, 2017, p. 408).

Sua relação com este pai perpassará fortemente suas elaborações em *Totem e Tabu* (1913) – aqui, o mito para explicar a origem da cultura baseia-se no sentimento de culpa pela morte do pai; e a instauração da lei é possível “a partir da obediência *après-coup*, cuja transmissão se realiza a partir de uma apropriação da herança” (Indursky & Kveller, 2017, p. 408). O outro texto também relacionado com a questão do pai é *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1938), no qual Freud aproxima-se da narrativa bíblica sobre a libertação do povo judeu em exílio no mesmo momento em que vivenciava a ascensão do regime nazista na Europa, situação que produziu efeitos traumáticos na história deste povo, afetando inclusive a vivência pessoal de Freud com suas próprias raízes (Indursky & Kveller, 2017).

Freud estava às voltas com a maneira pela qual a tradição judaica monoteísta teria sido transmitida pelas gerações, mantendo-se até hoje. Os autores pontuam que “o olhar dirigido ao passado de seu povo é concomitante à sua preocupação com o futuro da psicanálise” (Indursky & Kveller, 2017, p. 409). Isso quer dizer que Freud também se preocupava com os processos possíveis para a transmissão da psicanálise para que esta continuasse a reverberar ao longo do tempo. Neste seguimento, faz-se necessário compreender os desdobramentos do movimento psicanalítico a partir do fenômeno de transmissão psíquica.

Inglez-Mazzarella (2015) tece suas considerações em torno desta questão pertinente: como tornar-se herdeiro do legado freudiano na continuidade e constituição da psicanálise? Nessa perspectiva, coloca primeiramente que o saber psicanalítico está atrelado à dimensão do inconsciente – que permeia todos os aspectos conceituais, constatados na experiência clínica e postulados por Freud.

A autora defende a ideia de que a transmissão da psicanálise acontece de maneira intergeracional, isto é, a possibilidade de apropriação do legado recebido pela herança e, ao mesmo tempo, de simbolizá-lo de maneira singular a cada sujeito. A célebre frase de Goethe citada por Freud, “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (1913, citada por Inglez-Mazzarella, 2015, p.127), aponta nessa mesma direção.

O espaço para a continuidade da psicanálise se dá pela passagem necessária de um sujeito/analista em sua própria análise, “uma posição que põe o saber produzido pela teoria psicanalítica a serviço de um não saber do analista, necessariamente presente a cada sessão, quando abre a porta e recebe seu analisando” (Inglez-Mazzarella, 2015, p. 134). Um trabalho que passa pela ordem do coletivo também é importante e necessário, corroborando no processamento das questões transferenciais postas entre os sujeitos. A institucionalização da psicanálise, desde o primeiro grupo de analistas que acompanhavam Freud, coloca em cena a

possibilidade de sua transmissão, garantindo contornos necessários que caracterizam o saber psicanalítico. A autora explicita suas considerações a esse respeito no seguinte trecho:

Entendo que pensar na transmissão psíquica no âmbito da transmissão da psicanálise contribui para que cada analista venha se haver com suas questões de filiação, podendo reconhecer em seu percurso suas transferências. Só ao apropriar-se da herança, ou seja, ao fazer-se ao mesmo tempo elo em uma cadeia com uma posição singular, é possível clinicar em nome próprio e pertencer a um grupo de maneira criativa (Inglez-Mazzarella, 2015, p. 134).

Dito isso, coloca-se que a experiência de transmissão da psicanálise não acontece fora da transferência, na qual o sujeito passa por sua própria experiência de análise e pode, então, dissolver efeitos de suas paixões para colocar-se numa posição de escuta, apreendendo de modo singular aquilo que é próprio da psicanálise, como conclui Inglez-Mazzarella (2015). Freud apreendeu de maneira única a história de sua família, suas vivências, e isto fez entorno com a invenção da psicanálise – apontado por Indursky & Kveller (2017).

2.2 Articulações entre as modalidades de transmissão psíquica

A proposta para a formulação deste eixo de análise é a de esboçar os conceitos das diferentes modalidades de transmissão psíquica, a saber: intergeracionalidade e transgeracionalidade. A partir desta exposição, os desdobramentos de cada uma destas modalidades serão abordados nos dois próximos eixos de análise.

Neste eixo foram selecionados três artigos: *Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura* (Vasconcelos & Lima, 2015); *Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações* (Scorsolini-Comin & Santos, 2016); *O conceito de transmissão psíquica na obra de Freud: a perspectiva de René Kaës* (Azevedo et al, 2016). De modo geral, o material propõe a reflexão

de como o fenômeno da herança e transmissão faz parte da constituição psíquica do sujeito, sendo tão pertinente a sua consideração na clínica psicanalítica. Os textos apresentam de que maneira a temática foi ganhando forma desde os textos de Freud até autores mais recentes, como René Kaës, Nicolas Abraham e Maria Torok.

O artigo de Vasconcelos e Lima (2015) trata da importância do legado freudiano na discussão sobre herança psíquica: um conceito que é fundamental na compreensão da constituição do psiquismo e traz um panorama geral sobre como os autores pós-freudianos se dedicaram ao estudo dessa temática. Em especial, apontam para uma diferenciação importante entre as modalidades de transmissão psíquica intergeracional e transgeracional. A modalidade intergeracional tem por característica a passagem direta de conteúdos entre as gerações, passagem na qual há a possibilidade de elaboração de sentidos: a apropriação da herança permite uma transformação daquilo que foi recebido (Vasconcelos & Lima, 2015).

Os mesmo autores apresentam a dimensão da transmissão transgeracional de maneira privilegiada em suas considerações. A partir do viés de Abraham e Torok (1971), o caráter patológico é constituído a partir dos aspectos traumáticos que caracterizam eventos ou experiências vividas na dinâmica familiar, sendo que esses conteúdos são passados sem possibilidade de simbolização, conforme colocam Vasconcelos e Lima (2015).

A dimensão negativa da transmissão também se dá pela denegação da experiência de uma experiência traumática, e nesse sentido, eles formularam estudos importantes sobre catástrofes sociais e os impactos na constituição subjetiva, como, por exemplo, o extermínio dos judeus pelo sistema nazista durante a Segunda Guerra Mundial (Abraham & Torok, 1971, citado por Vasconcelos & Lima, 2015). Nesse sentido, a realidade concreta é tão importante quanto a dimensão fantasmática na configuração do traumático – como descrito no tópico sobre o trauma, em que Freud (1916) aponta a história de vida do sujeito como fundamental para constituição do psiquismo, quando elabora a explicação etiológica para as neuroses.

Já o texto de Scorsolini-Comin e Santos (2016) mostra que a transmissão intergeracional é o que sustenta “as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a tendência à conservação e preservação das formas de vida” (p. 148). Essa modalidade de transmissão será explanada no eixo *Intergeracionalidade, repetição e criação*, que tratará de aspectos relacionados ao espaço familiar e a possibilidade de tornar-se herdeiro da herança recebida de modo que ela seja simbolizada, de maneira singular, a cada um.

Quanto à transmissão transgeracional, os conteúdos são passados sem possibilidade de elaboração, tratando-se de um aspecto negativo da herança - o que se expressa por meio de sintomas na história de uma família, espaço privilegiado no mecanismo de transmissão. Nesse sentido, o “impensável, inominável, indizível e o inconfessável familiar seriam indutores da transmissão transgeracional do negativo” (Scorsolini-Comin & Santos, 2016, p. 148). No tópico de análise: *Transgeracionalidade, violência e trauma*, a transmissão transgeracional será trabalhada a partir de alguns fenômenos como a violência, o incesto e o luto.

Ainda neste artigo, o aspecto patológico da transmissão também é privilegiado em suas considerações a partir da perspectiva de Kaës (2005): o que se transmite são as configurações de objetos psíquicos que não encontraram um lugar de inscrição na constituição do sujeito. Essas configurações dizem respeito

(...) as rupturas, as falhas, os hiatos não pensados e impensáveis, o nivelamento dos objetos de pensamento, os efeitos da pulsão de morte. São essas configurações de objetos e de seus vínculos intersubjetivos que são transportados, projetados, depositados, difratados nos outros, em mais de um outro: formam a matéria e o processo da transmissão (Kaës, 2005, p. 129, citado por Scorsolini-Comin & Santos, 2016, p. 149).

Outra noção importante de Kaës tratada neste artigo é a “aliança inconsciente”: a partir do mecanismo de identificação, os vínculos intersubjetivos enlaçam os sujeitos de uma

mesma família ou grupo, e este enlaçamento (denominado de aliança inconsciente) é condição para que o sujeito possa ter um lugar na história geracional (Scorsolini-Comin & Santos, 2016). No primeiro capítulo, tratando sobre a transmissão, relacionamos este aspecto à proposição de Freud (1914, 1921), na qual o mecanismo das identificações é essencialmente o meio pelo qual ocorre a transmissão psíquica.

A proposta do texto de Azevedo et al (2016) perpassa uma trajetória na obra freudiana, utilizando-se também dos escritos de Kaës com relação à transmissão psíquica, propondo uma articulação entre três perspectivas de pensamento emergentes na época e a própria teoria psicanalítica. O primeiro deles é o modelo de degenerescência, que traz uma explicação biológica e hereditária para os fenômenos psíquicos. O segundo é o modelo epidemiológico que, relacionado ao descobrimento das doenças infecciosas, diz que a transmissão se dá por um agente patógeno e/ou infeccioso que penetra no organismo. O terceiro modelo é o de contágio mental, que enfatiza a magnitude de uma sugestão no contexto dos aglomerados e multidões, e esta influência sobrepõe-se à individualidade do sujeito. Nesse seguimento, os autores do artigo sustentam a ideia de Kaës (2001), de que Freud utilizou-se desses modelos para compor a noção de transmissão psíquica, ainda que para contrapor-se a eles em algum momento de seu percurso teórico.

2.3 Transgeracionalidade, violência e trauma

Foram reunidos quatro artigos neste eixo que têm em comum a questão da transgeracionalidade, articulando o modo pelo qual os fenômenos da violência e do trauma estão relacionados a essa maneira de transmissão psíquica entre gerações. São eles: *O fenômeno da transmissão psíquica e o incesto: possíveis articulações* (Abdala, Neves & Paravidini, 2013); *A mãe frente ao incesto: a condição de ausência, repetição e negação na história da família* (Gomes & Neves, 2013); *A herança transgeracional nos transtornos*

alimentares: algumas reflexões (Adami-lauand & Ribeiro, 2011); *A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma análise do filme “Volver”* (Abdala, Próchno & Silva, 2017).

Abdala, Neves & Paravidini (2013) trazem uma reflexão sobre as relações incestuosas, sustentada com noções teóricas freudianas, colocando alguns desdobramentos recorrentes com relação aos processos de transmissão psíquica. O pressuposto central está em que o fenômeno do incesto dá forma a um sintoma fundante no legado da herança psíquica, considerando a composição da dinâmica familiar intersubjetiva.

O segundo artigo de Gomes & Neves (2013) diz sobre uma pesquisa realizada com mães de meninas que foram violentadas, pelo pai ou padrasto, a fim de compreender de que maneira estas mães circunscrevem suas funções, afetos e arranjos diante da cena incestuosa. Assim, as autoras tecem uma discussão sobre a constituição do psiquismo do sujeito, trazendo um aporte teórico sobre o Complexo de Édipo, bem como sobre herança psíquica e transgeracionalidade.

Existem casos em que o fenômeno da situação incestuosa passa pela ordem da repetição na história geracional de uma família, que ultrapassa a consciência dos sujeitos – por não ter sido uma experiência simbolizada, fica como objeto de estranhamento, sendo transmitido como herança pela via do inconsciente. A repetição da cena torna-se uma tentativa de produzir um sentido, de poder simbolizar aquilo que se instaurou como traumático, mas acaba sendo um “espelhamento cruel” (Gomes & Neves, 2013, p. 27).

É interessante notar que tal questão emerge nestes textos articulada ao fenômeno da transmissão: nestes, a repetição de dada vivência é também um fator que aparece como produto de uma alienação dos conteúdos que foram herdados; isto é, não foram estabelecidas uma diferenciação e uma distanciação entre as gerações. Como tratado anteriormente, Freud

discorre em *Além do princípio de prazer* (1920) sobre aquilo que se torna traumático frente ao excesso pulsional ao qual o psiquismo é submetido.

Isso quer dizer que, estes conteúdos inconscientes, passados entre gerações, sobrepõem-se à constituição subjetiva dos sujeitos da família em questão: permanecem aspectos sem representação das experiências traumáticas. O primeiro artigo expressa essa proposição da seguinte maneira:

Por exemplo, pode-se pensar que a família não (di) menciona a vivência para os descendentes, muitas vezes por não suportar o contato com o que aconteceu. Assim, acreditam, de forma consciente, que esse é o melhor modo de lidar com a situação e, diante disso, o incesto torna-se um segredo sem possibilidades de simbolização ou elaboração, como se fosse possível desconsiderar os elementos inconscientes que permanecem permeando as relações daquela família. Diante disso, o mito familiar é reforçado, juntamente com o pacto denegativo, para que os vínculos e papéis dos sujeitos sejam mantidos, sejam eles quais forem (Abdala, Neves & Paravidini, 2013, p. 56).

A partir da análise do filme *Volver* (Abdala, Próchno & Silva, 2017), este artigo tece uma discussão sobre os processos de transmissão psíquica inconsciente e de que modo estes perpassam as relações vinculares de um grupo ou família. Sua explanação, dialogando com cenas do filme, é de que há uma constituição do fantasma patológico como objeto transgeracional na cena incestuosa: o material psíquico traumático fica suspenso, registrado no inconsciente, sendo que a transmissão se torna alienante por não possibilitar a simbolização do vivido. Como defendido anteriormente pelos artigos que tratam dessa temática, este também coloca que o psiquismo do sujeito não é completamente autônomo, pois recebe material de outros psiquismos enredados em sua história.

Os textos apresentam a herança transgeracional em suas considerações como fruto de um material que aparece na constituição do psiquismo do sujeito e que falta ser representado, simbolizado – o objeto transgeracional torna-se insuportável na dinâmica de integração psíquica e aparece na história dos sujeitos da família como sintoma (Abdala, Neves & Paravidini, 2013; Gomes & Neves, 2013, Abdala, Próchno & Silva, 2017).

Abdala, Próchno e Silva (2017) colocam que há três tipos de objeto transgeracional: indulgentes, idealizados e fantasmas – sendo que este último é o escolhido para o estudo dos pesquisadores, que ressaltam que “os objetos fantasmas referem-se aos vazios irrepresentáveis presentes no psiquismo dos descendentes, envolvendo algo cometido pelos ancestrais que se tornara um segredo. Esta categoria de objeto permanece como um corpo estranho” (p. 211).

Ainda neste texto, trazem o fenômeno da violência sexual como um denso registro que se torna traumático pelo desprazer excessivo à capacidade de representação. Apontam um aspecto importante em questão, como anteriormente havia sido discutido no tópico sobre o trauma, que apenas a violência em si não caracteriza, necessariamente, um trauma. A configuração do desmentido – impossibilidade de uma criança denunciar a violência diante de um adulto, tendo como resposta o silêncio ou a negação do fato, por exemplo – coloca um entrave no trabalho de simbolização psíquica diante da situação (Abdala, Próchno & Silva, 2017).

Já o artigo de Adami-lauand e Ribeiro (2011) conta de uma pesquisa realizada com o objetivo de compreender de que maneira a vivência de transtornos alimentares em filhas adolescentes pode estar atrelada à forma de vinculação destas com suas próprias mães, que dá tom ao processo de constituição subjetiva.

A alimentação é uma das principais formas de interação entre a cuidadora materna e sua criança nos primeiros momentos da vida, e que possui consonâncias afetivas nesta

relação. Nesse sentido, as vivências das mães com relação a restrições alimentares na própria infância marcaram sua história numa medida em que não puderam ser simbolizadas.

As autoras observam e sustentam a ideia de que o cuidado materno carrega consigo conteúdos, em especial, os que não foram elaborados – configurando o objeto transgeracional – que podem ter sido transmitidos inconscientemente pelo mecanismo da identificação. Retomando os escritos no tópico sobre a transmissão em Freud (1921), o que acontece no processo de identificação é que o *eu* apreende conteúdos que recebe de um outro sujeito, por meio da introjeção de algo que foi vinculado libidinalmente.

É interessante notar que, nestes artigos, de maneira geral, a transmissão de conteúdos transgeracionais está relacionada ao laço social que compõe o cenário familiar. Este é o primeiro laço, senão o mais significativo, na história de constituição do sujeito, e isto implica considerar que essas relações são marcadas por uma genealogia que carrega em si as marcas do povo e da cultura.

2.4 Intergeracionalidade, repetição e criação

Neste eixo de análise, agrupamos três artigos: *Notas sobre a transmissão: articulações entre tradição e criação* (Costa, 2017); *Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso* (Zanetti & Gomes, 2012); *Assim como nossos pais? Conjugalidade: repetição, transformação e criatividade* (Almeida & Romagnoli, 2017).

De modo geral, o material aborda a maneira pela qual o fenômeno da herança e da transmissão perpassam as gerações, caracterizando vínculos estabelecidos entre sujeitos, bem como as dinâmicas familiares, marcando até mesmo a formação de uma dada cultura. Os artigos discutem sobre estas questões de maneira que, nestas experiências humanas, a transmissão e a herança contam também da história de constituição subjetiva do sujeito, de maneira a privilegiar o mecanismo de transformação da herança recebida.

É preciso ressaltar que os textos, apontando para a pertinência da herança na história de vida do sujeito, ainda assim reiteram que não se trata especificamente de uma transposição literal de acontecimentos: Freud reposicionou o lugar da experiência na constituição do trauma, considerando a maneira pela qual a realidade subjetiva se constitui. Neste caso, isto é, na transmissão psíquica intergeracional, cada sujeito tem a possibilidade de elaboração e transformação da herança recebida.

O artigo de Costa (2017) trata sobre as questões da transmissão de cultura a partir de um romance, *Meu Nome é Vermelho*, articulando ponderações teóricas a partir da psicanálise em Freud e da política em Hannah Arendt. O texto propõe uma reflexão ao pensar na formação das sociedades, das quais a condição fundante de desamparo é o que marca a apropriação da herança que advém a cada sujeito em sua história.

A partir do enredo do romance, o autor tece uma questão principal: a tensão que se estabelece entre *criação* e *tradição*. A partir de Hannah Arendt, têm-se uma análise da crise e decaimento da tradição e autoridade ao longo da história: a ruptura com os valores tradicionais na modernidade decorrente dessa crise produziu necessariamente uma nova maneira de construção de estar no mundo enquanto sujeito (Costa, 2017).

Essa questão incide diretamente nos conteúdos que são transmitidos pelas gerações. Assim, o texto propõe que o efeito de uma transmissão é uma ruptura com o conteúdo que é recebido, de maneira a fazer uma torção:

Ao contrário do que se possa pensar, esse rompimento possibilita que o tempo passado seja protegido, preservado e, ao mesmo tempo, que seja transmitido como um projeto de reinscrição no tempo futuro. O passado só se pode tornar presente e vetorizar o futuro, se sofrer uma torção, uma ruptura. Sem isso, ele permanece apenas como repetição (Costa, 2017, p. 177).

As sociedades, na produção de cultura, se sustentam pelas mediações simbólicas a partir do laço social – e é a partir deste laço que os efeitos de uma transmissão psíquica podem ser produzidos. Nesse sentido, a inscrição simbólica daquilo que foi herdado é um trabalho de criação psíquica, indispensável para a composição das sociedades, como demonstrado no trecho abaixo: “Uma transmissão se torna efetiva apenas quando aquele que recebe algo consegue inscrever-se naquilo que lhe é transmitido. A transmissão é um efeito de torção criativa que recoloca o sujeito na cultura” (Costa, 2017, p. 180).

O segundo texto é um estudo de caso que procurou esclarecer e demonstrar a influência da herança familiar em pessoas que assumem a opção pela não construção de um vínculo amoroso compromissado. Traz em pauta a relevância em considerar o trabalho de elaboração e simbolização do que é transmitido na constituição da subjetividade e para o estabelecimento dos vínculos amorosos (Zanetti & Gomes, 2012).

O texto propõe a reflexão: de que maneira é possível pensar sobre a construção desses vínculos em uma dada época e sociedade que valorizam as individualidades? A partir da pesquisa, colocam que existem fatores socioculturais e econômicos que estão relacionados, mas a herança psíquica é um também um componente importante na compreensão desse fenômeno (Zanetti & Gomes, 2012).

Amparado nas considerações de René Käs (2001), o texto traz os conceitos de identificação e de alianças inconscientes para a compreensão dos processos de transmissão e que estão diretamente relacionados com as vinculações amorosas. O espaço da família é o que dá contorno para a constituição subjetiva e, nesse sentido, a questão que se apresenta é como a vivência da conjugalidade dos pais infere sobre as escolhas relacionais dos filhos (Zanetti & Gomes, 2012).

A possibilidade de sustentar e estar disponível para um vínculo amoroso passa pela aceitação da alteridade e, “quanto mais livre esta alteridade estiver de projeções advindas do

passado psíquico, herdado, melhor para a construção destes vínculos” (Zanetti & Gomes, 2012, p. 71). Por isso, é necessário que ocorra uma diferenciação daquilo que é dos pais e daquilo que é próprio do sujeito.

O terceiro artigo deste eixo propõe uma reflexão sobre a conjugalidade nos dias atuais a partir de problemáticas que foram vividas pelas figuras parentais presentes e que se repetem na dinâmica vincular de um casal. Desse modo, sustenta, a partir da psicanálise, a pertinência da herança familiar na constituição subjetiva de cada um e das relações que vão sendo estabelecidas (Almeida & Romagnoli, 2017).

Os autores sustentam a ideia de que o espaço familiar dá lugar para a criação, para o que é possível produzir a partir do encontro com um outro em sua história. A família é articuladora de todas as vivências que dão margem para constituição do psiquismo e permite a transformação, simbolização de cada subjetividade. Assim, o modo de ser de um casal é único – cada indivíduo tem a possibilidade de simbolizar aquilo que lhe atravessa enquanto herança a partir de suas vivências (Almeida & Romagnoli, 2017).

Em consonância com os outros textos que apontam nesta direção, a herança intergeracional é trabalhada como um legado organizador, que dá possibilidade de apreensão do material psíquico a partir de um trabalho criativo, como Almeida e Romagnoli (2017) colocam na passagem a seguir:

A apropriação do legado possui várias implicações relativas à constituição do sujeito que remetem às suas qualidades. Uma delas esbarra na questão da margem de liberdade para posicionar-se diante da herança familiar e social, resultando na possibilidade de autocriação forjada no encontro entre indivíduo e mundo (p. 233).

As experiências e conteúdos que são produzidos se transformam continuamente nas relações; e o âmbito familiar oferece a possibilidade de que o sujeito se aproprie de si mesmo e de sua história. Há uma liberdade para poder elaborar o material recebido pela transmissão,

podendo o sujeito recusar o legado recebido, recebendo-o de maneira a repeti-lo ou identificando-se com ele (Almeida & Romagnoli, 2017).

Essa ponderação é importante ao considerar que até mesmo a repetição na história geracional pode ser também resultado de um posicionamento, o que levanta um questionamento sobre um determinismo no processo de transmissão, no qual o sujeito é passivo na recepção desses conteúdos. A margem de liberdade, identificação e criação do sujeito sobre sua história é um elemento ativo que compõe a complexidade da constituição psíquica.

Se for assim, algumas repetições não poderiam ser descritas como uma determinação da qual não se pode escapar, e talvez seja o caso de pensá-las mais sob a ótica das motivações que conduzem o sujeito a posicionar-se identificando com isso e não com aquilo, ainda que elas venham a ser, em sua maioria, inconscientes (Almeida & Romagnoli, 2017, p. 240).

O texto finaliza suas considerações a partir de Donald Winnicott, ao trazer que a criação é uma condição inerente ao humano em face à sua realidade externa e interna, afinal, a constituição do próprio *eu* emerge dessa realização, diante da possibilidade de mudanças, de transformação e simbolização daquilo que é experimentado em sua história.

É interessante notar que, nos três artigos que compõem este eixo de análise, aparece em cena a existência de um trabalho criativo na dimensão da transmissão intergeracional; isto é, há um processo de elaboração, o que favorece uma diferenciação daquele conteúdo que foi recebido. Nesse sentido, a singularidade de cada sujeito faz-se a partir dessa possibilidade (Costa, 2017; Zanetti & Gomes, 2012; Almeida & Romagnoli, 2017).

Conclusão

Os fenômenos de herança e transmissão psíquica são tão caros à psicanálise porque tratam sobre a constituição do sujeito – constituição que advém sempre da relação com o outro. Percebemos, desde o início, que o tema esteve intrinsecamente presente nas formulações de Freud acerca do funcionamento do psiquismo e das relações estabelecidas na família, bem como na sociedade.

O presente estudo propôs-se a realizar uma revisão teórica sobre o tema da transmissão e da herança psíquica entre as gerações, nas modalidades intergeracional e transgeracional, procurando identificar conteúdos convergentes na literatura científica pesquisada, que possibilitasse a organização e análise dos dados em torno da questão da transmissão psíquica e do traumatismo no pensamento freudiano. É importante ressaltar que os desdobramentos sobre o tema da herança e da transmissão são vastos; por isso, este trabalho trata-se de um recorte possível para a discussão destes aspectos.

Na construção de análise do material encontrado, a partir da instrumentalização da transferência com os textos, foi possível compor quatro eixos de reflexão entre eles, fazendo associações a partir de questões pertinentes que cada artigo pretendeu analisar: 1) *Implicações na transmissão da psicanálise*; 2) *Articulações entre as modalidades de transmissão psíquica*; 3) *Transgeracionalidade, violência e trauma*; 4) *Intergeracionalidade, repetição e criação*. Consideramos também importante pontuar algumas noções freudianas que foram discutidas nos primeiros capítulos para dar suporte à discussão.

Os eixos de análise apontam para as modalidades de transmissão psíquica, a saber, as dimensões intergeracional e transgeracional. Note-se que o material encontrado, em sua maioria, privilegia o aspecto negativo da transmissão - seus desdobramentos são amplamente voltados para a prática clínica através daquilo que não é dito ou não foi simbolizado e que se

repete de maneira patológica na história de uma família, traduzindo-se em sofrimentos na vida de cada sujeito enredado neste legado.

O que mais nos surpreendeu foi a possibilidade de transformação, de elaboração daquilo que se recebe por meio da herança. Construir a escrita do eixo *Intergeracionalidade, repetição e criação* foi potencializadora, pois aponta para aquilo que podemos chamar de um horizonte construtivo. No trabalho clínico, essa concepção é fundamental, de simbolização, de inscrição na própria história do sujeito: a possibilidade de criação de um modo de existência aponta para um elemento ativo que compõe a complexidade da constituição psíquica. Como enfatizam Gomes e Zanetti: “nossa tarefa, como terapeutas, é reconstituir o percurso simbólico da transmissão e favorecer a elaboração da herança. E é na possibilidade de transformação que investimos recursos terapêuticos, trabalhando para alterar o curso repetitivo do sintoma” (2009, p. 96).

Considerando a dimensão de herança e transmissão psíquica, portanto, aproxima este trabalho teórico da prática clínica, a partir da possibilidade de ampliação da escuta daquilo que se passa com o sujeito. São possíveis, então, construções de recursos para poder considerar sua história precedente e, ao mesmo tempo, discriminar seu caminho em direção a um modo singular de ser e estar no mundo.

Referências

- Abdala, A. T. C. P.; Neves, A. S. & Paravidini, J. L. L. (2013). O fenômeno da transmissão psíquica e o incesto: possíveis articulações. *Psicologia em Revista*, 19(1), 43-58.
Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n1/v19n1a05.pdf>.
- Abdala, A. T. C. P.; Próchno, C. C. S. C. & Silva, L. C. A. (2017). A transmissão psíquica do fantasma patológico enquanto objeto transgeracional: uma análise do filme

- "Volver". *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(1), 207-222. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v20n1/1809-4414-agora-20-01-00207.pdf>.
- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casa e o núcleo*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1971).
- Adami-Lauand, C. B. & Ribeiro, R. P. P. (2011). A herança transgeracional nos transtornos alimentares: algumas reflexões. *Psicologia USP*, 22(4), 927-942. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v22n4/aop2911.pdf>.
- Almeida, E. & Romagnoli, R. C. (2017). Assim como nossos pais? Conjugalidade: repetição, transformação e criatividade. *Psicologia Clínica*, 29(2), 229-251. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n2/06.pdf>.
- Amaro, F. A. T. (2015). *Quem é o responsável pela criança? Reflexões psicanalíticas sobre a parentalização dos avós*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.
- Azevedo, L. J. C.; Féres-Carneiro, T.; Brandão, E. P. & Lins, S. L. B. (2016). O conceito de transmissão psíquica na obra de Freud: a perspectiva de René Kaës. *Pensando famílias*, 20(2), 162-176. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a12.pdf>.
- Barros, C.P. (1975). Contribuição à controvérsia sobre o “ponto de vista econômico”. In: Brazil, H.V., org. *Psicanálise: problemas metodológicos*. Petrópolis, Editora Vozes, p.41-78.
- Correa, O. B. R. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a04.pdf>.

- Costa, A. O. (2017). Notas sobre a transmissão: articulações entre tradição e criação. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 9(2), 172-183. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v9n2/v9n2a03.pdf>.
- Estevão, I. R. (2012). Retorno à querela do trieb: por uma tradução freudiana. *Cadernos de filosofia alemã: Crítica E Modernidade*, (19), 79-106. Recuperado em 17 de junho de 2019, de <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64855/67471>.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. Wagner A. org. In: *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*, Porto Alegre: EDIPUCRS, p.25-46.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1974). As pulsões e seus destinos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1976). Hereditariedade e etiologia das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*.(Vol. 16). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1976). Sobre o Narcisismo: uma introdução In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1918[1914]).

- Freud, S. (1976). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1976). O Eu e o Id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 16). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1980). Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXV – A angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 16). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1980). Dois verbetes de enciclopédia: Psicanálise e libido. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1923[1922]).
- Freud, S. (1989). Fragmentos da correspondência com Fliess. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 211-322). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). Luto e Melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

- Freud, S. (1996). Conferência XXIII – Os caminhos da formação dos sintomas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 16). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 23). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- Freud, S. (2013). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2014). *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1939).
- Gomes, I. C., & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular1. *Psicologia USP*, 20(1), 93-108. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v20n1/v20n1a06.pdf>.
- Gomes, L. R. S., & Neves, A. S. (2013). A mãe frente ao incesto: a condição de ausência, repetição e negação na história da família. *Vínculo*, 10(1), 22-28. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v10n1/a05.pdf>.
- Indursky, A. C. & Kveller, D. B. (2017). Freud e o judaísmo: luto, trauma e transmissão. *Psicologia USP*, 28(3), 405-413. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v28n3/1678-5177-pusp-28-03-405.pdf>.

- Inglez-Mazzarella, T. (2006). *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta.
- Inglez-Mazzarella, T. (2015). Herança e transmissão na e da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 127- 135. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v48n89/v48n89a11.pdf>.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Agora*, 6(1), 115-138.
- Käes, R. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Käes, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 174p.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Loffredo, A. M. (1975). *Angústia e repressão: um estudo crítico do ensaio “Inibição, sintoma e angústia.”*. Rio de Janeiro, 100p. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Psicologia, PUC.
- Menezes, L. S. (2006). Pânico e o campo psicopatológico do angustiante sob a perspectiva psicanalítica. In: *Pânico e desamparo na contemporaneidade: Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casado psicólogo/FAPESP, p.21-86.
- Menezes, L. S. (2012). *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2ª ed., 126p. (Coleção Clínica Psicanalítica v.45).
- Menezes, L. S. (2012). *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho*. São Paulo: Primavera Editorial, 212p.
- Peres, R. S.; Caropreso, F. & Simanke, R. T. (2015). A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia à psicossomática. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v.

- 27, n. 1, p. 161-174. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v27n1/0103-5665-pc-27-01-00161.pdf>.
- Rehbein, M. P. & Chatelard, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(3), 563-583. Recuperado em 16 de junho de 2019, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000300010.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/FAPESP, 200p.
- Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010). O método psicanalítico na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), p.180-188. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1), 141-159. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n1/a08.pdf>.
- Vasconcelos, A. T. N., & Lima, M. C. P. (2015). Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 37(32), 83-103. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317/2233>.
- Vosgerau, D. S. R. & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista diálogo educacional*, (14), p.165-189. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317/2233>.

- Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2012). Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 3(1), 57-74. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v3n1/a05.pdf>.
- Zavaroni, D. M. L.; Viana, T. C. & Celes, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 12, n. 1, p. 65-70. Recuperado em 16 de junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a08v12n1.pdf>.